SEXUALIDADE E PASTORAL

Coleção **Ministérios**

- *Formação: desafios morais,* VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa,* VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção,* VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.
- *Ética teológica e pandemias: entre a razão e a urgência social*, VV.AA.
- *Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*, VV.AA.

José Antonio Trasferetti
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

Sexualidade e pastoral

Aos párocos e agentes de pastoral

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Caio Pereira*
Gerente de design: *Danilo Alves Lima*
Diagramação e capa: *Paulo Cavalcante*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral / organizado por José Antonio Trasferetti, Ronaldo Zacharias. - São Paulo: Paulus, 2022.
Coleção Ministérios.

ISBN 978-65-5562-709-1

1. Sexualidade – Aspectos religiosos 2. Sexualidade - Igreja católica – Aspectos teológicos 3. Teologia pastoral – Sexualidade I. Trasferetti, José Antonio II. Zacharias, Ronaldo III. Série

22-4378 CDU 241.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Sexualidade – Aspectos religiosos

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel. (011) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-709-1

APRESENTAÇÃO

A presente obra é mais um marco na trajetória percorrida pela ética teológica em sua conexão com o mundo real. A ética teológica, enquanto ciência prática, está atenta a todos os movimentos da sociedade, sempre com o intuito de propor reflexões que contribuam para a vida plena em Cristo. Como não poderia deixar de ser, sua sintonia com os novos tempos tem se manifestado continuamente na preocupação com a realidade pastoral em suas expressões vitais. A sexualidade é uma dessas expressões pelo simples fato de ser uma dimensão constitutiva da condição humana, a ser integrada na personalidade e no projeto de vida. Por isso, nosso objetivo é oferecer um instrumento de trabalho ágil e prático a todos os párocos, administradores e vigários paroquiais, e a todos os leigos de boa vontade, comprometidos com as várias pastorais no âmbito da evangelização. Procuramos compreender a sexualidade e sua íntima conexão com a vida de todos os fiéis e com todas as atividades pastorais realizadas na comunidade de fé.

As pessoas vinculadas às paróquias e suas respectivas comunidades experimentam na carne as transformações sociais e sexuais, que vêm ocorrendo no mundo atual. Há muitas mudanças vinculadas à compreensão da identidade de gênero e da identidade sexual, às novas tecnologias e ao recurso a novos medicamentos, às redes sociais e aos aplicativos de relacionamentos, aos produtos de consumo e às possibilidades de transformação corporal, aos sentimentos e desejos e às emoções e experiências, e tantas outras. Essa obra apresenta uma contribuição importante sobre temas de fronteira, que atingem todas as comunidades de fé e suas atividades pastorais. Eles espelham alguns aspectos

relacionados às mudanças apenas mencionadas. Longe de pretender esgotar os temas, ela oferece um aporte sobre aqueles considerados mais urgentes e dificilmente abordados numa perspectiva pastoral.

Todos os temas, portanto, estão vinculados à sexualidade, já que ela está profundamente relacionada ao desejo que todos têm de ser felizes. É esse desejo que permeia a experiência de Deus, que cada pessoa faz na comunidade de fé. Sendo uma dimensão intrínseca da personalidade, a sexualidade faz parte de todo o seu processo de desenvolvimento e amadurecimento, e, embora adquira novos contornos com o passar do tempo e com as transformações sociais, está profundamente relacionada à autocompreensão da pessoa como filha de Deus, aberta ao transcendente, ansiosa por realização plena. Nesse sentido, a presente obra pretende contribuir para a formação de pessoas que buscam a alegria de viver bem, de se relacionar profundamente, de se apaixonar verdadeiramente por tudo o que é bom, belo, honesto, puro. Por isso, ela não tem receio de abordar tanto os aspectos positivos quanto os conflitivos da sexualidade, partindo da convicção de que nada que se refere ao humano pode ser indiferente a quem deseja colaborar para que as pessoas assumam a vontade de Deus na própria vida.

A sexualidade, vivida de forma autenticamente humana, orientada e elevada pelo amor, conduz as pessoas a Deus e cria laços de comunhão e felicidade, que permeiam toda a existência. Os vários temas abordados por esta obra assumem uma perspectiva ético-moral e, com o devido cuidado para não resvalar em moralismos repressivos e castradores – que só estimulam transgressões e produzem diversas patologias –, pretendem favorecer a formação de cidadãos e fiéis conscientemente responsáveis, autenticamente livres, honestamente críticos e assumidamente felizes. Por isso, os autores foram convidados a tratar de temas que perpassam

todo o processo educativo e formativo, desde a infância até a velhice; a dar voz a todos no processo de descoberta e prática dos valores positivos da sexualidade; a contribuir para a afirmação dos princípios de equidade e justiça no âmbito da sexualidade, a fim de promover os direitos de todos numa sociedade em que não haja espaço para violência, discriminação, intolerância, perseguição e exclusão por causa da condição sexual e numa comunidade de fé aberta a acolher, acompanhar e integrar todos, independentemente da sua identidade de gênero ou identidade sexual.

Tendo presente tais aspectos, assumimos nesta obra uma compreensão holística da sexualidade e a afirmamos como uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, desejos, emoções, sentimentos, compromissos, responsabilidades e que é vivida no dia a dia em suas múltiplas expressões de fantasias, atitudes, valores, ações, papéis, que se configuram em diferentes modos de amar e expressar o amor. Ela se refere à capacidade de a pessoa amar e procriar e projeta-se para além da mera satisfação genital, abrindo-se à experiência do prazer em suas formas mais puras e sublimes de ser, viver e amar. Torna-se também fecunda, sendo geradora de mais qualidade de vida nas relações entre as pessoas e favorecendo uma vida de maior plenitude.

Por isso, pedimos aos párocos e aos seus agentes pastorais que tenham a delicadeza de ler esta obra com amor, sem preconceito ou moralismos que turvam o olhar. É preciso abrir a mente e o coração para acolher a novidade que se apresenta. Sabemos que os temas propostos não são de fácil "digestão", mas, neste momento histórico, em que a sexualidade serve inclusive como instrumento político, ideológico e religioso, precisamos ter coragem, ousadia e caridade para abrir caminhos que favoreçam o discernimento em vista da lógica evangélica da inclusão das pessoas, e não o moralismo hipócrita tão condenado por Jesus. A benignidade pastoral

supõe abertura para uma educação e uma formação que colocam no centro o ser humano e suas inquietações. Há tempo sonhávamos com uma obra como esta!

Não nos iludamos! Vivemos num tempo em que se faz urgente superar todas as formas de banalização da sexualidade, pois todas elas forjam a violência contra nossos corpos e, portanto, contra quem somos. Não podemos admitir ou ser indiferentes diante do fato de que tudo, inclusive a sexualidade, pode ser transformado em mercadoria ou negócio lucrativo, em consumo irresponsável e alienante. Nossos paroquianos, desde as crianças até os idosos, são pessoas que vivem nesse tempo, e que, dia após dia, são influenciados pelos "valores" que lhes são propostos em nome de uma liberdade absoluta, ou pelos interditos que lhes são impostos, inclusive em nome de Deus. Se não tiverem conhecimento e discernimento crítico, comprarão gato por lebre ou se deixarão seduzir por lobos vestidos de cordeiros. Educar para a vivência do amor, para a integração da sexualidade, para a humanização das relações é tarefa que torna a vida mais digna e mais bela, e, nesse sentido, a pastoral tem uma colaboração específica a dar. Aqui apresentamos apenas uma contribuição para ajudar nessa imensa e difícil tarefa.

José A. Trasferetti
Ronaldo Zacharias

I - SEXUALIDADE, IGREJA, PASTORAL

1

A SEXUALIDADE NO MUNDO ATUAL

Marcela Lapalma[1]

Introdução

O que é sexualidade? Por que se fala tanto sobre ela? O Estado deve considerar a questão? E a Igreja? O que alguém consagrado ou responsável por uma comunidade pode dizer a respeito? Como os catequistas devem lidar com temas que envolvem a sexualidade, se é que isso é necessário? Essas e outras tantas perguntas já foram feitas a nós ou levantadas por nós mesmos. Diante da grande quantidade de informações e dados que aparecem nos meios de comunicação, as questões se tornam mais e mais complexas. A sexualidade faz parte do debate público e das políticas públicas, desafiando até mesmo algumas "garantias" ou "certezas" que imaginávamos ter sobre ela.

Entendemos que o assunto não é banal, porque tem a ver com a nossa identidade pessoal e social. Por isso, neste primeiro capítulo, abordaremos a sexualidade no mundo atual, levando em consideração a categoria de identidade que levou à formulação dos direitos sexuais. Nossa

[1] *Marcela Lapalma* é doutoranda em Teologia Moral (Accademia Alfonsiana, Roma), Mestra em Teologia Moral (Accademia Alfonsiana, Roma) e professora na Universidad del Salvador (Buenos Aires) e no Centro de Estudios Salesiano de Buenos Aires (Buenos Aires). Tradução do espanhol: Tarcísio dos Santos, sdb.

abordagem levará em conta o campo das políticas públicas e suas consequências para a convivência e o desenvolvimento do ser humano integral. A premissa que nos acompanhará contém dois conceitos-chave que servirão de guia: o que significa *ser cristão* num *tempo de mudanças*, reconhecendo que ambos os aspectos estão intimamente ligados.

A identidade cristã é profundamente marcada pelo tempo em que se vive. Muitas histórias de santos medievais, por exemplo, não seriam modelos factíveis para os jovens de hoje, se considerarmos a concepção que tinham de corpo, a importância que davam às penitências corporais etc. O modo de ser cristão era impregnado de uma concepção antropológica fortemente dualista; ao mesmo tempo que se exaltavam em excesso a dimensão espiritual e a vida consagrada e celibatária, desprezavam-se a dimensão corporal e a vida conjugal. Eram "outros tempos", ouvimos as pessoas dizer.

As antropologias cristãs de hoje são mais inclusivas e holísticas; procuram superar a concepção piramidal e dualista de antigamente. Com a reflexão teológica dá-se o mesmo: ela também faz parte e resulta de um determinado contexto histórico, no qual é chamada a responder às interrogações daqueles que nele estão inseridos.[2] Por isso mesmo, o enfrentamento da sexualidade no mundo de hoje exige, como primeiro passo, assumir que estamos num tempo de mudanças, que é preciso olhar a realidade e dialogar com ela na certeza de que é por meio dela que Deus nos interpela continuamente.

[2] Como afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: "Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático". CONCÍLIO VATICANO II. "*Gaudium et spes.* Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, n. 4". *In*: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).* 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 542.

Como cristãos e cristãs, somos chamados a crescer na fé, inseridos numa determinada realidade concreta, que é sempre sinal de vida em movimento. Trata-se de um processo de amadurecimento que somos chamados a percorrer, tendo como ferramenta o discernimento moral ancorado na busca do bem e na perspectiva do Reino. Este será o nosso propósito.

1. Outros tempos, novos desafios

1.1 Processo de mudança

Sabemos que há muito tempo estamos passando por um processo de mudança na forma de perceber e viver a sexualidade, e que esse processo está acontecendo de forma acelerada.[3] Isso é perceptível não apenas no ambiente mais próximo, mas também em todo o mundo, especialmente na cultura ocidental. É uma mudança "globalizada", que se manifesta por meio de protestos e reivindicações, debates a respeito de políticas de identidades, feminismo, gênero e diversidade sexual. Em muitos países, surgem políticas públicas que incluem os "direitos sexuais", destacando a necessidade de dar visibilidade à identidade sexual e à importância de tal identidade para a realização das pessoas.

Diante dessa situação, observam-se dois tipos de reações sociais que se situam em extremos opostos. Vemos, de um lado, aqueles que se apegam a um *discurso repressivo*, negando qualquer acesso à informação e qualquer possibilidade de mudança. No fundo, exaltam o aspecto biológico

[3] Sobre a história do processo de mudança no discurso e na vivência da sexualidade, é importante o conceito de "revolução sexual". Ver: HORTELANO, Antonio. *Problemas actuales de moral* II. La violencia, el amor y la sexualidade. 2ª ed. Salamanca: Sígueme, 1982, p. 231; LE GOFF, Jacques; BENETTI, Santos. *Historia y paradigma de la sexualidad*: b. Edad Media, Moderna y Contemporánea (11/08/2011). Disponível em: <https://formacion-integral.com.ar/website/?p=103>. Acesso em: 20/01/2022; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade.* I – A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

da sexualidade como valor reprodutivo; apoiam-se em certas leituras religiosas fundamentalistas, caindo em crenças tabuísticas e reproduzindo mais ignorância e fechamento na vida do ser humano. A atitude generalizada é de entrincheirar-se no conhecido e suspeitar do novo. No outro lado, temos aqueles que se apegam a um *discurso permissivo e liberal*, hasteando a bandeira da liberdade. Com atitudes imaturas, instrumentalizam e reduzem a sexualidade a mero espaço de prazer ou de reivindicação de direitos, como se estivessem reagindo a tantos anos de repressão.

Ambas as posições estão ancoradas em paradigmas diferentes, tornando muito difícil – ou até mesmo impossível – uma via de diálogo. Na realidade, a sexualidade converteu-se num campo de batalha que, por sua vez, esconde outras deficiências e desconfortos. O fato é que, em tempos de mudanças, afloram novas questões que pedem novas respostas, impossível de serem encontradas nas elaborações ou nos modos de interpretação do passado. São perguntas que questionam as garantias que tínhamos até então.

Superando essas duas atitudes extremas, devemos considerar a situação de mudança como uma oportunidade, reconhecendo que a vida é vida quando está em movimento, e é nesse movimento vital que vamos aprendendo sobre nós mesmos. É hora de refletir e repensar sobre como entendemos a sexualidade até agora, a fim de continuar amadurecendo o processo de compreensão.

Por muito tempo, prevaleceu um ensino carregado de suspeitas e reservas em relação ao discurso sobre a sexualidade, com sua consequente ética utilitarista: a atividade sexual tinha razão de ser por causa da procriação. A supervalorização do aspecto biológico da sexualidade estava ancorada na sua finalidade procriativa.

No início da história, as tribos tinham que se concentrar na reprodução, se não quisessem desaparecer. Ao redor dessa realidade existencial, foram estabelecidas normas de convivência e regras morais que defendiam a necessidade do grupo.[4] Havia também certas crenças pré-científicas carregadas de fantasias que governavam a vida sexual das pessoas em geral.[5] Com o tempo, conceitos como "normal" e "natural" passaram a referir-se a comportamentos permitidos; e "diferente" e "estranho" referiam-se a comportamentos moralmente inaceitáveis, que desafiavam as regras estabelecidas.[6]

[4] Esse motivo de sobrevivência pode ter feito com que o comportamento homossexual tenha sido fortemente perseguido, inclusive com a morte, porque se distanciava da necessidade grupal. DEIFELT, Wanda. "Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade". *Revista Estudos Teológicos* 1 (1999): 36-48. Por outro lado, devemos recordar que muitos dos grandes pensadores – cristãos e pré-cristãos – sustentavam um discurso de suspeita diante da possibilidade de uma sexualidade que não se concentrasse na finalidade procriativa. De acordo com Todd Salzman e Michael Lawler: "Platão e Aristóteles suspeitavam profundamente do prazer sexual, e essa suspeita era compartilhada pelos estoicos, que tiveram a maior influência sobre a abordagem cristã da sexualidade e restringiam os atos sexuais ao matrimônio e, mesmo no matrimônio, a atos sexuais abertos para a procriação. Suas suspeitas em relação ao prazer sexual, e sua ênfase de que todas as relações sexuais devem ser relações sexuais matrimoniais visando a procriação, foram incorporadas em concepções cristãs sobre a sexualidade humana". Santo Agostinho, por sua vez, "afirma que a atividade sexual no matrimônio é boa quando sua finalidade é a procriação". JUNGES, Márcia. "Por uma nova moralidade sexual. Entrevista com Todd Salzman e Michael Lawler". *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 399 (2012): 44-45. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4576-todd-salman-e-michael-lawler>. Acesso em: 20/01/2022.

[5] Basta pensar, por exemplo, na afirmação de Santo Tomás de Aquino: "Deve-se dizer que, considerando a natureza em particular, a mulher é deficiente e falha, pois a potência ativa que se encontra no sêmen do macho visa produzir alguma coisa que lhe seja semelhante em perfeição segundo o sexo masculino; mas, se for gerada uma mulher, isso resulta de uma fraqueza de potência ativa ou de alguma má disposição da matéria, ou ainda de alguma mudança proveniente de fora, por exemplo, dos ventos do sul, que são úmidos. […] Entretanto, se considerarmos a natureza universal, a mulher não é falha, mas pela intenção da natureza está ordenada à geração". TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica.* A criação – o anjo – o homem. Vol. 2 – Parte I – Questões 44-119. São Paulo: Loyola, 2002, p. 612-613 (q. 92, ad. 1).

[6] Na Bíblia, por exemplo, há normas proibitivas que foram tomadas literalmente durante muitos séculos: "A mulher não usará roupa de homem nem o homem vestido de mulher" (Dt 22,5). Por outro lado, de acordo com Ana Clotilde Correia, na Europa dos anos 1930, lugar da crise econômica de 1929, deu-se uma perseguição massiva de homossexuais; mais ainda: "Os governos preocupam-se crescentemente com a despopulação, punem o aborto e incentivam a natalidade, perseguindo social e moralmente a sexualidade não reprodutiva". CORREIA, Ana Clotilde. "O Estado Novo e a repressão da homossexu-